

FERRARA, SABINA (2016).

*La parola dell'esilio. Autore e lettore
nelle opere di Dante in esilio.*

Firenze: Franco Cesati, 364 p.

A lista de escritores cuja biografia se desenrola por entre as contingências do exílio é infinda. Este livro é dedicado ao sistema de comunicação que enforma a obra de um exilado mais que célebre, Dante Alighieri.

A partir de 1295, a participação de Dante no governo comunal de Florença foi-se mostrando cada vez mais empenhada. Alinhado com os *guelfi bianchi* e firme defensor de uma política de autonomia em relação ao papado, assumiu em 1300 as altas funções de *Priore*. Contudo, quando no ano seguinte se encontrava em Roma, como membro da missão enviada a Bonifácio VIII para conversações acerca da delicada situação de Florença, ameaçada pelas tropas de Carlos de Valois, recebeu a notícia de que o exército francês tinha invadido a cidade, entregando o seu governo à facção dos *guelfi neri*. Contava então cerca de 36 anos. Condenado à revelia, nunca mais haveria de voltar à sua cidade, levado por uma deambulação a que só o seu último suspiro pôs fim.

A ameaça ingente que a partir de 1301 sobre si continuamente impendeu, no metamorfismo das suas manifestações alentou um inconformismo radicado quer no jugo a que viu Florença submetida, quer na revolta perante a irresolubilidade do seu estatuto. Apesar de a sua presença ser disputada pelos grandes senhores de toda a Itália, era afinal um refugiado que viu sucessivamente negada a satisfação do vivo anseio de regressar à sua cidade.

Por conseguinte, foi no exílio que escreveu uma parte conspícua da sua obra. Aliás, os circuitos através dos quais a respectiva transmissão se processou, em termos imediatos, situavam-se fora de Florença, o que em muito potenciou o seu extraordinário eco. Também através dela foi moldando a sua condição existencial, bem como, e muito particularmente, a imagem de si mesmo que pretendia projectar sobre os seus leitores, desfrutando as modalidades do sis-

tema de comunicação que sustinha a pragmática dessa relação de alteridade. É esta a questão crítica colocada no cerne do ensaio de Sabina Ferrara *La parola dell'esilio. Autore e lettore nelle opere di Dante in esilio*.

Trata-se de uma matéria que, como é exposto na sua introdução, já foi explorada por vários trabalhos, muitos deles dedicados à *Commedia*. Nesse sentido, a estudiosa reenvia para uma galeria de ilustres críticos, dos quais se destacam, entre outros, Giuseppe Petronio, Marco Santagata, Maria Picchio Simonelli ou Mirko Tavoni. Desta feita, é seu objectivo elaborar uma abordagem de conjunto que incida sobre a totalidade da produção de Dante cronologicamente posterior a 1301, sem cedências a uma separação esquemática entre um *ante* e um *post* exílio. O sistema de comunicação literário inerente a essa produção não é considerado em função de um público genérico, mas em função daqueles leitores pertencentes a um círculo próximo de Dante, ao encontro dos quais mais deliberadamente se movia. São pois as modalidades de organização da estrutura textual a serem indagadas, a fim de descortinar como esperava fosse lida uma mensagem que sustinha a sua própria fundamentação como autor. Nesse sentido, vão sendo analisadas as características específicas do modelo comunicativo que liga emissor e receptor nas sucessivas obras compostas no exílio.

A crítica dantesca tem vindo a dispensar uma atenção crescente à questão da autoridade. Os termos em que Dante sustém a afirmação, quando não a reivindicação, do seu estatuto como autor, surpreende pelos seus contornos modernos. A esse propósito, nunca será demais sublinhar, em particular para o público português, que Dante é um autor medieval. De resto, como Sabrina Ferrara bem o esclarece, na reconstrução existencial que de si opera, o escritor continua a servir-se de categorias medievais, na medida em que a experiência do indivíduo é enquadrada num movimento piramidal cuja geometria conflui rigorosamente no vértice da divindade.

Ao terreno abarcado por este ensaio crítico não falta nem complexidade, nem subtileza, entre as mensagens que o escritor pretende fazer passar e os vários momentos da situação política e da experiência pessoal em causa, entre destinatários incluídos, excluídos e até não-destinatários ou entre a diversidade de géneros e de modalidades métricas, prosásticas, linguísticas e estilísticas que se alinham no horizonte das suas opções. Continuam também a apresentar

desafios ingentes, no plano da crítica textual e do cânone, textos como a carta a Cangrande della Scala e a *Questio de aqua et terra*, verdadeiras *cruces* dos estudos dantescos.

Da incisividade dos resultados da pesquisa levada a cabo, podem-se destacar os relativos às epístolas latinas em prosa, que são 13, abarcando um arco temporal bastante amplo. Tendo como destinatários algumas personalidades que decisivamente marcaram a política contemporânea, prevêem uma leitura que se estende a círculos mais alargados.

A I, dirigida ao cardeal Niccolò da Prato, legado papal em Florença para conversações de paz, lança as bases de um sistema de comunicação apostado em projectar a exemplaridade moral de quem escreve. Na II, as condolências aos condes di Romena pela morte de seu tio oferecem a Dante ocasião para construir a cristalina imagem do «exul inmeritus», através de formulações interdiscursivas que convocam o exílio sofrido por tantos grandes vultos da antiga Roma, funcionais ao impacto retórico da *captatio*. Tanto assim é que essa mesma expressão voltará a ser usada com igual eficácia nas quatro epístolas seguintes. A III epístola, muito possivelmente enviada ao poeta e jurista Cino da Pistoia, tal como a IV, a Moroello Malaspina, visam, além do mais, como bem nota Sabina Ferrara, restabelecer a comunicação com os leitores florentinos que tinham acompanhado as suas primeiras experiências literárias, de modo a instigar a sua sintonia com um exilado em vias de desbravar novos domínios do pensamento, e que então se dedicava ao *Convivio* e ao *De vulgari eloquentia*, o primeiro tratado dedicado a uma língua românica. Por sua vez, as epístolas V, VI e VII são dirigidas aos governantes das cidades italianas, aos florentinos e ao imperador Henrique VII, respectivamente. Tocam essencialmente assuntos de estratégia, modelando e elevando a guia político a imagem de quem escreve, num momento em que Dante estava a escrever um tratado sobre os fundamentos e o exercício do poder, a *Monarchia*, e ia trabalhando os versos do *Inferno*. Por sua vez, para a autora deste ensaio, as três breves epístolas que sucessivamente endereça a uma mulher influente, Margarida di Brabante, dão-lhe ocasião de sublinhar a ordem divina do universo e de preparar a imagem que de si vai construindo como mediador divino e «scriba Dei». Essa afirmação de autoridade atingiu um tal impacto comunicativo que Dante, na XI epístola, dirigida

aos cardeais reunidos em conclave na cidade de Avinhão depois da morte de Clemente V, toma a palavra em nome de um colectivo, para responsabilizar dois desses cardeais perante a comunidade com que se quer identificar. Com a XII epístola, deixa claro aos seus eventuais leitores a desmesura da sua desilusão e também do seu desdém, reforçando a sua autoridade como poeta. Com efeito, os tempos que se seguem serão de dedicação diuturna à *Commedia*, pelo que é sintomático que a epístola a Cangrande della Scala, que é a XIII, reserve um tão amplo e tão elaborado espaço ao leitor, erigindo-se da mesma feita numa espécie de posfácio ao poema.

Investigação levada a cabo com mão firme, *La parola dell'esilio. Autore e lettore nelle opere di Dante in esilio* colige um aparato de notas que vai discutindo algumas das questões mais prementes que se colocam à crítica dantesca e que é complementado por uma lista bibliográfica final.

RITA MARNOTO

rmarnoto@fl.uc.pt

*Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Centre International d'Études Portugaises de Genève*